

Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM)
Ministério da Educação (MEC)
British Council

Seminário
Gênero e Sexualidades na Escola

Heteronormatividade & Educação

Luís Henrique Sacchi dos Santos
(DEC/FACED/PPGEDU/GEERGE)

Brasília, 12 de novembro de 2007

Hetero + normatividade

- *Hetero*

gr. diferente

“aqueles/as que têm afinidade, atração e/ou comportamento sexuais entre indivíduos de sexo diferente” (Ferreira, 1999, p.1040).

- *Norma*

Latim. esquadro

- Articula mecanismos disciplinares (corpo) e reguladores (população)

- é sempre relacional – “o normal depende do anormal para existir como normal”. Ela faz de todos um caso seu (não há exterioridade).

Trata-se, portanto, de um padrão de sexualidade que tem a qualidade ou força de uma norma.

- Heterossexualidade como matriz legítima;
- Viagem planejada: coerência entre sexo – gênero – sexualidade;
- “a norma não precisa dizer de si, ela é a identidade suposta, presumida; e isso a torna, de algum modo, praticamente invisível” (Louro, 2000, p.68).

→ heteronormatividade (Michael Warner - *Introduction: fear of a queer planet*, 1991);

→ Ela está assentada em um sistema binário, dicotômico de categorização: é macho ou fêmea;

→ Ela pode ser entendida como a “obsessão com a sexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante” (Britzman, 1996, p.79).

→ Contra-senso na “aquisição” da heterossexualidade – põe em funcionamento a heteronormatividade;

→ a heteronormatividade atravessa e constitui as próprias instituições sociais (a escola, a família, as leis, as normas, o conhecimento), o próprio modo como pensamos a vida e a cultura;

→ *A heteronormatividade está na ordem das coisas.* Ela não “afeta” apenas os não-heterossexuais, mas estabelece a pauta inclusive para aqueles/as que se reconhecem como heterossexuais. Ela pode ser pensada como uma episteme.

→ **Assim como a branquidade, a heteronormatividade também é invisível:**

a maioria das pessoas brancas não tem que ‘ver’ pessoas negras (constantemente aparecendo em outdoors, televisões, cinema, em revistas, etc.) e elas não precisam estar sempre de guarda, observando as pessoas negras, para estarem ‘seguras’, elas podem viver como se as pessoas negras fossem invisíveis e podem imaginar que elas também são invisíveis para as negras (hooks apud Santos, 1997, p.100).

Na mesma direção:

os heterossexuais não se dão conta de que eles, rotineiramente, discutem aspectos de suas próprias sexualidades cotidianamente: contando para os seus colegas sobre as férias que tiraram com seu/sua parceiro; explicando para os seus chefes que estão passando por um divórcio difícil; gabando-se do seu novo romance para os amigos. Repórteres heterossexuais não têm problemas de perguntar a figuras públicas heterossexuais sobre seus maridos, esposas, namoradas, namorados ou filhos – e todas essas perguntas confirmam e tornam questão a heterossexualidade. O exemplo mais cabal disso são os anúncios de casamentos heterossexuais nos jornais todos os domingos (Signorile, 1993).

→ A heteronormatividade atua através de um sistema de relações de poder que institui modos de ser e produz e organiza instituições (que produzem determinadas posições de sujeito);

→ ela opera em distintas redes na cultura (relações sociais, nos currículos, nas pedagogias culturais).

Heteronormatividade & Escola

- Como lidar com um vocabulário que freqüentemente marca, rotula, constitui e procura “devolver” o gênero “correto” àqueles/as que no espaço escolar são rotulados de bichinha, afeminado, boiôla, mariquinha, sapatona, machona, machorra, bolacha, etc?
- Na ausência de representações (e, sobretudo, de representações positivas), como interpretar o outro como familiar, próximo, humano ou mesmo como alguém que eu também gostaria de ser?

Heteronormatividade no âmbito escolar → rotular, nomear, desqualificar, vigiar, punir, envergonhar, silenciar, etc., a fim de conduzir a conduta daqueles/as que ousam cruzar determinadas fronteiras constantemente patrulhadas por “fiscais”:

Dois meninos (da 1ª série, de turmas diferentes) andavam sempre juntos. O da outra sala só queria abraçar e beijar o outro. A professora alertou o seu aluno de que iriam chamá-lo de ‘bichinha’ e ele se afastou um pouco do outro colega, que agora anda com outro menino.

Um menino não gosta de se integrar com os outros meninos da turma, mas de brincar com as meninas. Ele é visto como tendo um comportamento afeminado, por isso é perseguido e sofre deboche dos outros.

Diferentes estratégias são colocadas em ação na escola a fim de garantir a o gênero e a sexualidades corretos, e não apenas pelas professoras:

Ao final de uma aula de educação física, depois de terem feito exercícios em que precisavam flexionar o tronco e, como efeito disso, deixar as nádegas à mostra para o rosto dos que estavam atrás, a professora colocou uma música para relaxamento e pediu que um colega fizesse massagem no outro. Um dos meninos diz que é brabo fazer massagem em homem Louro (2000, p.69).

A partir dessa passagem destaca por Louro (2000, p.69-70), vemos que:

- é preciso exorcizar qualquer sugestão ou indício de atração pelo mesmo sexo (mesmo de demonstrações de amizade ou carinho) por parte dos meninos;
- a masculinidade hegemônica constrói-se não apenas em oposição ao feminino, mas também em oposição a outras formas de masculinidade e que “tornar-se masculino pode implicar na combinação de uma heterossexualidade compulsória associada à homofobia e a misoginia”;
- os corpos dos garotos devem proclamar sua rejeição a qualquer traço de homossexualidade. Seus corpos também não podem sugerir nada de feminino.

**-“O que você é? Um garoto ou uma garota?”
também pode significar “o que você é? Um gay ou
uma lésbica?”**

Uma goleira de dez anos estava jogando futebol tão bem que o pai de uma garota do time adversário parou o jogo para exigir “provas” de que a garota era mesmo uma garota. Mesmo depois de ver a certidão de nascimento, com apoio de outros pais, ele solicitava uma inspeção pessoal. A garota foi levada por sua mãe junto àqueles que questionavam o seu gênero e a apresentou: “minha filha Natasha”. Ele olhou para a garota de modo estranho e disse “bom jogo, filho” ao que a mãe retrucou “não, o certo é bom jogo, garota” (Britzman, 1996, p.77).

Algumas pistas (Britzman, 1996):

a) considerar a disponibilidade explosiva de representações da homossexualidade na cultura popular ...

b) em compreender que toda identidade sexual é um constructo instável, mutável, volátil, uma relação social contraditória e não finalizada...

c) desconfiar que a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais ... Isso alimenta o mito de que sem a informação as pessoas decidirão que o melhor é ser heterossexual;

d) problematizar a fantasia de que os/as jovens não têm idade suficiente para serem identificados como gays ou lésbicas;

e) reconceptualizar a distância “a” sexualidade e os significados contraditórios das sexualidades gays, lésbicas, trans, bi, etc.